

Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes porém...

CARMEN RIAL

PPGAS. Universidad Federal de Santa Caterina. Brasil

RESUMEN

O Brasil deixou de ser um país receptor de imigrantes para transformar-se em um país que cede emigrantes. Os jogadores de futebol em atividade em outros países (como Espanha) poderiam ser englobados neste conceito. São emigrantes que formam uma categoria a parte, a de especialistas, e trabalham por salários elevados em empresas importantes no mercado mundial. O lugar especial que estes emigrantes ocupam decorre pelo enorme impacto que causam no imaginário nacional e global através de suas inserções prestigiosas no sistema futebolístico e da manutenção de suas identidades como sendo brasileiros.

Palabras clave: Futebol, Jogadores brasileiros, Emigração, Espanha, Sevilla.

SUMMARY

Brazil has turned from being a country of immigrants into becoming another of emigrants. Soccer-players currently performing in countries overseas (such as Spain) can be so regarded. Admittedly, they belong in a separate category—that of specialists—and work for important companies of the world market in exchange for handsome salaries. Yet the special status that these emigrants hold is also due to the enormous impact they make on the national and global imagination, by their renown integration in world soccer as well as their asserted identities as Brazilians.

Key Words: Soccer, Brazilian soccer-players, Emigration, Spain, Seville.

INTRODUÇÃO

Há alguns anos que o Brasil deixou de ser um país receptor de imigrantes para transformar-se em um país que cede emigrantes para o mundo, especialmente para os Estados-Unidos, Japão e Europa. O número de brasileiros residindo no exterior aumentou consideravelmente e hoje esti-

ma-se em 3 milhões os que vivem no exterior (Millman 2005: B7). Os jogadores de futebol em atividade em outros países poderiam ser englobados neste número (não se tem o número exato dos jogadores brasileiros em atividade no exterior; os dados oficiais mais confiáveis, da Confederação Brasileira de Futebol referem-se aos jogadores transferidos para o exterior desde 2002, o que contabiliza um total de 2610). Porém, como uma parte regressa ao país, e outra boa parte transferiu-se antes de 2002, é difícil saber quantos atuam em clubes no estrangeiro. Sejam quantos forem, eles seriam, a primeira vista, emigrantes como os outros brasileiros. Como eles, mantêm relações estreitas com o Brasil, investem no Brasil, sonham retornar um dia para o Brasil. Mas a proximidade com os brazucas de Boston ou os de Tóquio param por aí. Se quisermos continuar a usar a categoria de “emigrantes” para designar estes jogadores de futebol que atuam em clubes no exterior, teremos de buscar uma proximidade entre suas situações de vida não com a dos trabalhadores que migram para ocuparem posições subalternas nas sociedades de acolhida, posições que muitas vezes são desprezadas pelos trabalhadores locais, e sim com os intelectuais, engenheiros, informáticos que ocupam posições de destaques nos laboratórios dos centros mais avançados em tecnologia e trabalham por salários elevados em empresas de ponta no mercado mundial.

São emigrantes que formam uma categoria a parte, a de especialistas. E talvez tenham sido também os precursores desta onda de emigração do país pois há mais de 70 anos, ou mais precisamente, a partir de 1931, vem deixando o Brasil para atuarem em equipes no exterior. O primeiro grande êxodo de craques de nosso futebol foi para a Itália (Fontenelle 1988, 2005; Rial 2004). De qualquer modo, se por um lado os números desta emigração são irrelevantes comparados ao total de emigrantes brasileiros —segundo o historiador Ailton Fontenelle (2005: 9) seriam no total, desde 1930, cerca de 5 mil— por outro lado, é enorme a relevância desta imigração, dada a visibilidade mundial destes jogadores e o enorme impacto a nível do imaginário global obtido no *mediascape* (Appadurai 1990, 2001) atual através de sua inserção no futebol de espetáculo.

A emigração dos jogadores brasileiros hoje à Espanha e mais precisamente à cidade onde realizei este estudo, Sevilha, na Andaluzia, retoma, em sentido inverso, um fluxo migratório do início do século XX, quando milhares de famílias e jovens espanhóis atravessaram o Atlântico (Perez-Murillo 2000; Lesser 1999; Zarur 2000). Saíam como *galícios* ou *andaluzes*, ao chegarem a América passavam a ser vistos meramente como *espanhóis*, uma identidade que ainda nos dias de hoje poucos são os que, nascidos no país-nação Espanha, ostentam. Os andaluzes que deixaram a província rumaram para a América, especialmente para Argentina e para o Brasil,

muitos deles indo primeiro a Argentina e de lá passando para o Brasil (Perez-Murillo 2000). Na época, as razões para esta migração foram econômicas e políticas: fugir do desemprego provocado pelas crises na agricultura, especialmente nos vinhedos (ataque da filoxera), na cana de açúcar e nos cereais, fugir da convocação obrigatória do exército que matou milhares de espanhóis jovens nas colônias, na África e nas Ilhas do Caribe. A este “êxodo de uma classe de pequenos agricultores e proprietários rurais em menor medida urbanos, que direta ou indiretamente dependiam de um minifúndio agrário”, a esta imigração “seleta daqueles que ao menos dispunham de algo para vender como uma pequena terra ou uma casa que possibilite uma aventura americana” vai se somar, nas primeiras décadas do séc XX, um grande número de adolescentes, 30% segundo estatísticas oficiais, que desertaram do matadouro que significava a guerra da África. Foram para a Brasil e a Argentina, países com políticas incentivadoras da emigração européia, para uma América onírica, em busca de um projeto de vida (Velho 1994) de ascensão social.

Por seu lado, também a Espanha inverteu o sentido do fluxo das correntes migratórias nos anos 80. Tradicionalmente um país que cedia mão-de-obra, desde o início do século até recentemente, tornou-se receptora de uma população estrangeira em busca de inserir-se no mercado de trabalho. Nos anos franquistas, o país viveu sob uma ditadura conservadora e cruel, cuja ascensão ao poder fez com que 500 mil pessoas buscassem refúgio na França (Oso Casas 2004: 24), um contingente formado por emigrantes políticos, que se distingue muito da emigração laboral motivada economicamente. As remessas dos emigrantes foram uma das maiores fontes de renda do país, sendo incentivadas fortemente pelo Estado que criou mecanismos de captação da poupança e investimento no país.

De outra parte, também tem sido desmontado o estereótipo de que são os homens os escolhidos para migrar. Mulheres migram, sós ou acompanhadas, e isto é particularmente verdade no caso da Espanha. Foram as mulheres quem mais facilmente conseguiram migrar e estabelecer-se como domésticas na Europa entre o pós-guerra e os anos 80, especialmente em Paris (Oso Casas 2004: 26), e são novamente as mulheres, agora em sentido inverso, que se estabelecem como domésticas em Madrid, provenientes de países latino-americanos e especialmente do Equador e Bolívia. Esta pesquisa, no entanto, centra-se na migração de famílias impulsionadas pela migração de um homem.

A literatura que trata de migrações já mostrou que é uma falácia se pensar que esta população é formada exclusivamente por indivíduos pobres ou pertencentes as camadas mais baixas da população e que migram prioritariamente como estratégia para resolver problemas econômicos (Basch

et al. 1994; Kearney 1996; Margolis 1994; Millman 2005). Estes estudos têm mostrado que a migração é um projeto coletivo, no mais das vezes familiar, e são os indivíduos considerados mais capazes e com maiores possibilidades de emprego no país receptor os escolhidos pelo grupo para tentar a aventura da migração – aventura pois esta viagem muitas vezes envolve riscos de vida, não tanto por uma repressão estatal direta e mais pelas estratégias adotadas pelo emigrante ilegal para tentar fugir ao controle estatal e contornar os obstáculos, naturais ou erigidos pelos Estados, de imensas cercas de arame à travessias marítimas em embarcações precárias ou caminhadas por desertos, como é o caso de parte da população brasileira que dirigiu-se para os Estados-Unidos a partir dos anos 90.

Mesmo que boa parte dos 3 milhões de brasileiros no exterior estejam vivendo legalmente, como é o caso dos 300 mil nisseis no Japão (Tsuda 1999), a emigração ilegal já é expressiva e talvez corresponda a metade dos brasileiros emigrantes. Não se tem números exatos ou aproximados, baseio esta cifra na comparação entre a estatística de remessas feitas por brasileiros no ano de 2003 do BID que contabiliza 5,2 bilhões de dólares (estimação do total das remessas, incluindo as informais) e a do Banco do Brasil, de 2 bilhões de dólares, contabilizadas apenas as remessas realizadas através do sistema bancário (Milman 2005). Uma comparação bastante discutível, reconheço, uma vez que os imigrantes legais também podem usar de sistemas ilegais para suas remessas...

Qual a necessidade destes emigrantes laborais ainda hoje? A mobilidade do capital permita a desterritorialização de muitos serviços que podem ser feitos por trabalhadores de qualquer lugar, desde que tenham a educação necessária, que muitas vezes resume-se ao domínio do língua em um treinamento básico, como é o caso dos atendimentos aos clientes que tem se concentrado em países como a Índia (empresas norte-americanas) ou no Marrocos (empresas francesas). Porém, os emigrantes continuam sendo necessários nos países centrais, especialmente nas *ciudades globais* (Sassen 1991), para cumprirem funções subalternas, que a população local recusa mesmo diante do desemprego, como é o caso dos serviços de limpeza (Oliveira Assis 1995). E estes são os emigrantes que tem tido visibilidade na mídia. No entanto, uma parcela numérica pequena mas economicamente das mais significativas hoje é a constituída por emigrantes especialistas que se dirigem ao outro país com a certeza de uma acolhida institucional —isto quando a migração não ocorre no interior da própria instituição (Ribeiro 1992)— e um nível de vida economicamente superior ao de seus países de origem. O capitalismo avançado mantém serviços nas *ciudades globais* (Sassen 1991) ou em regiões especializadas —penso no Silicon Valey— que são pólos de atração para emigrantes laborais e para emigrantes

especializados, estes profissionais que trabalham em universidades, em empresas de informática, de comunicação, etc.

Os espanhóis formam um dos mais numerosos contingentes de emigrantes no sul do Brasil, atrás apenas dos portugueses e italianos. Porém, se perguntássemos a um brasileiro hoje onde estão, provavelmente ele teria bem mais dificuldade em localizá-los do que teria em relação aos alemães, italianos ou japoneses, que localizaram-se, mantiveram a língua por mais de uma geração assim como costumes culinários, festas folclóricas, etc. Inserindo-se mais no comércio do que na agricultura, os galegos e andaluzes emigrantes rapidamente se imiscuíram entre os brasileiros.

Também agora é difícil apontar os brasileiros na Andaluzia. Apesar da língua, eles se misturam com mais facilidade a população local do que o fazem, por exemplo, os milhares de equatorianos e de outros países da América Latina que povoam as ruas das grandes cidades. O traço ameríndio é menos presente em seus rostos e muitos parecem ter feito na América uma passagem de duas a quatro gerações pois ainda portam sobrenomes espanhóis e italianos e aqui conseguem ter novamente um passaporte europeu. Mas não é o caso destes brasileiros especiais que são os jogadores de futebol, inseridos no sistema de futebol espetáculo que faz deles rostos muito conhecidos e respeitados como especialistas na sua profissão.

Como ocorre com outras migrações, e ao contrário do que mostra o senso comum, também a de jogadores de futebol envolve indivíduos com capacidades acima da média, no caso, talentos futebolísticos comprovados. Categorizo esta emigração como sendo de *especialistas* colocando-a como a parte da emigração *laboral não-especializada* —maior contingente de emigrantes do Brasil hoje— pois ainda que o fator econômico seja decisivo como motivação para a emigração, os depoimentos mostram que há distinções grandes entre o que estou chamando de emigração de *especialistas* e a emigração *laboral não-especializada* de camadas médias e de baixa renda.

Suas partidas podem ser sentidas pelo país de origem inclusive como uma perda —fala-se em *roubo de cérebros* para emigrações de cientistas, ainda não se fala em *roubo de pés*, mas no futuro poderemos bem interpretar assim estas deserções— num futuro talvez próximo, quando se firmar as tendências de que a idade dos jogadores que partem seja cada vez menor e que passem a se destacar vestindo outra camiseta nacional que não a da seleção brasileira. Algumas transferências já são vivenciadas como perdas enormes por parte dos aficionados do futebol no Brasil, como o movimento pró-permanência *Fica Robinho* bem revelou, através da multiplicação de faixas, bandeiras, auto-colantes em automóveis, etc. Movimentos de torcedores que, aliás, tem sido inúteis: Robinho foi para a Espanha, tal qual era o seu desejo, e só não foi acompanhado do ódio da torcida

(*Racha Robinho*) porque aceitou uma maratona de jogos que ajudaram o seu clube a garantir alguns pontos a mais na tabela do campeonato que disputava e garantiu uma despedida honrosa no clube que o formou.

Entender como vivem estes emigrantes foi um dos objetivos desta pesquisa, realizada na Espanha, na Andaluzia, entre 2004 e 2005, mais precisamente, nos meses de novembro/ dezembro de 2004 e de setembro/outubro de 2005. Esta pesquisa teve continuidade em 2005 no Brasil, com o acompanhamento diário das atividades destes jogadores pela televisão, pelos jornais brasileiros e espanhóis e por sites esportivos assim como foi complementada com entrevistas realizadas em Fortaleza e na Bahia com jogadores brasileiros que atuaram na Europa e na Ásia. Reflito, a partir de uma metodologia de investigação antropológica centrada na etnografia (observações e entrevistas) sobre as trajetórias individuais dos futebolistas brasileiros em atividade em Sevilla, assim como algumas das implicações econômicas, culturais e políticas de esta migração.

METODOLOGIA

A metodologia etnográfica foi utilizada na pesquisa. Realizei observações nos campos de treinamento, nos estádios durante os jogos, em suas casas e em alguns dos lugares que freqüentam no dia; conversei com seus familiares e amigos, sua *entourage* (Damo 2005). Também observei os torcedores espanhóis, especialmente os senhores de mais de 70 anos que acompanham os treinos e os jogos nos bares, pela TV, em verdadeiras *casas de homens*.

Foram muitas horas passadas nos estádios observando a movimentação do jogadores, da imprensa e dos torcedores e não foram horas inúteis. No Bétis, mais aberto e onde a imprensa e os torcedores têm acesso ao treino, observei o tipo de exercício que era feito e, o que me interessava mais de perto, como os brasileiros se relacionavam entre si e com os outros jogadores. Ficou evidente a preferência por estarem juntos em todos os momentos. Se era previsto um grupo de 4, 5 ou 6 jogadores, os 4 brasileiros estavam lá, lado a lado, na companhia de um ou outro espanhol. Rindo e brincando muito, como colegas que se encontram no pátio de recreio para a aula de educação física ou a pelada de antes das aulas. Eram de fato muito próximos, exercitavam-se juntos, uma proximidade corporal, de troca de suores. Mais tarde, a escolha do local da moradia, do bar que freqüentavam e outras me deram outras evidências desta proximidade.

A longa espera antes de cada entrevista me proporcionou oportunidade de seguir os passos do jogador no seu espaço profissional. Não é considerável a variação na organização da rotina dos jogadores que se consti-

tui numa folga semanal na segunda-feira, um treinamento pela manhã (das 10 ou 11 até às 13 ou 14 horas) nos outros dias da semana e um treinamento no horário do jogo na quinta-feira. (Esta rotina se altera em anos de Copa do Mundo, como agora em 2005, pois os jogos ficam concentrados sendo realizados duas vezes por semana).

Desde a primeira entrevista, o modo como ao final o jogador com quem eu falava se referiu à imprensa, num misto de desprezo e receio, me indicou que deveria me distinguir dos jornalistas, e que até mesmo uma camaradagem eventual poderia não ser uma boa política aos olhos dos meus interlocutores principais que eram os jogadores. Assim, embora compartilhasse a longa espera com um bando deles —que aumentava muito nos dias de jogos importantes— nunca busquei uma conversa e minha atitude tão pouco os incentivou.

Conversei longamente com todos os quatro jogadores brasileiros em atividade no Bétis (Denílson, Assunção, Ricardo Oliveira e Edu) e dois dos três em atividade no Sevilla (Renato e Júlio Batista). Apenas em uma ocasião pude reuni-los (D. e A.) para uma conversa, na *Ciudad Deportiva do Bétis* e que durou o suficiente para sermos praticamente expulsos pelo guarda, último presente no estádio. Estive na casa de dois deles (RO e E) entrevistando suas esposas, compartilhando almoço, ouvindo suas conversas com um empresário, assistindo seus vídeos familiares. E passei longas horas com um sobrinho e um amigo de um deles. Além disto, me encontrei com eles em lugares pouco habituais, como estação de trem, e percorri trajetos em seus automóveis, onde as conversas sempre foram muito produtivas. Assisti-o jogando e sendo entrevistados, nos estádios e pela televisão, na Espanha como no Brasil.

A todos que encontrei ofereci o anonimato, como é costume na antropologia, mas eles o dispensaram (“Não devo nada a ninguém”, me disse Iriney) e por isto uso aqui as iniciais dos seus nomes. Estive também na outra cidade da Andaluzia com clube na primeira divisão, o Málaga (onde atuava um jogador Amoroso), visitando o estádio, a sala de imprensa e conversando com jornalistas e *jefes de prensa*. Porém como não poderia permanecer ali por um logo tempo preferi concentrar as observações em Sevilla. Mais tarde, complementei os dados com entrevista aos jogadores brasileiros do Ceuta de Vigo (Fernando Baiano, Roberto e Iriney), durante uma passagem deste clube por Cádiz. E, para ter referencias de jogadores que atuaram na Ásia e também de jogadores menos conhecidos que atuaram na Europa, completei meus contatos com conversas, visitas aos centros de treinamento, a concentrações, a estádios no Brasil, em Fortaleza e em Salvador. Ali pude contatar, entre outros, Sandro, Pacoti, Lúcio, Reinaldo, Dill.

Esta pesquisa, por envolver interlocutores muito conhecidos, colocou

diversas questões metodológicas que, infelizmente pelo espaço, não poderão ser desenvolvidas aqui.

“TER CONDIÇÕES”

Jogar futebol no interior do *campo* (Bourdieu 1987, 2000) futebolístico, ao qual aqui será referido também como futebol de espetáculo, não é ocupação das camadas sociais mais pobres, os chamados miseráveis, pois estes não podem proporcionar o mínimo necessário para um jovem se profissionalizar (chuteiras, contatos com os clubes, passagens de ônibus, dispensa do trabalho). E nem é ocupação das camadas sociais superiores, os mais ricos, cujos projetos de continuação da reprodução social do capital prevêm que os herdeiros, preferencialmente ainda os filhos homens, assumam a liderança dos negócios. Futebol então fica sendo um projeto possível para uma larga faixa da população brasileira, que vai dos pobres porém não-miseráveis (“nunca passei fome” me repetiram vários dos jogadores com que tive contato) até a classe média baixa. Foi nesta faixa que encontrei a totalidade dos meus interlocutores, com uma origem social que variava entre o trabalho assalariado no campo ou na indústria de São Paulo, professoras primárias a filhos de delegados e enfermeiras, que já estariam situados em uma camada média baixa. As histórias que ouvi de suas infâncias tem muitos pontos em comuns, como eles mesmo reconhecem:

Conversando com o D., a gente, nós tivemos uma infância praticamente igual. Nós não tínhamos uma família com dinheiro. Tínhamos o pai e a mãe que trabalhavam e trabalhavam muito para não deixar faltar nada para a gente. Não é que a gente tinha filet-mignon todo o dia. É que a gente às vezes tinha que comer arroz com feijão, um ovo. Fome nós nunca passamos mas meu pai e minha mãe suaram bastante para não deixar faltar nada pra gente.

Sou do interior de SP, de perto de Jaú. Morava na infância em uma fazenda de cana de açúcar. Meu pai trabalhava na Fazenda, cortando a cana. Nós éramos pobres, passávamos necessidade. Quando ele perdeu emprego, quando a fazenda faliu, nós nos mudamos para Jaú pois não podíamos mais ficar morando na casa que não era nossa. Até os dez anos eu morei na Fazenda. Minha mãe também trabalhava mas quando nasceu meu irmão menor ele parou de trabalhar para cuidar só da casa. E.

A carreira de futebolista requer, normalmente, um longo período de formação e depois um período de iniciação em que o jogador tem que buscar seu espaço sem receber para isto auxílio financeiro. É preciso que a família toda auxilie neste projeto, não apenas dispensando este integrante de buscar ganhos mas ainda arcando com despesas extras de condução, uniforme, chuteiras:

Minha mãe muitas vezes tinha que pegar serviço fora, roupa, fazer faxina...teve até uma época para ajudar meu irmão que era bem a época em que ele estava querendo jogar que ela começou a fazer chinelos, sabe estes chinelos de crochet, ela fazia para vender e poder dar dinheiro para ele pagar a passagem para São Paulo. Foi bem difícil a nossa vida. Foi assim na luta. Fabiana irmã de Fábio Aurélio, jogador do Valência e esposa de Edu.

A construção do *habitus* de esportista (Bourdieu 1987) e no caso de jogador de futebol, indispensável para que ocupem lugar de destaque no campo esportivo, só miticamente ainda ocorre por acaso, chutando latinhas ou bolas de meias. De fato, eles iniciam seu aprendizado regular, sistemático, disciplinado muito cedo, em locais que não por acaso são chamados de *escolas*, geralmente designada carinhosamente pelo seu diminutivo: “escolinha”, talvez para marcar a diferença com a verdadeira escola, mais dura, menos prazerosa, a qual, aliás, muitos abandonaram também cedo, logo que a *escolinha* deixe de ser um meio-turno para passar a internato que lhe ocupa o dia todo.

Não me deterei aqui na formação do jogador de futebol, na sua iniciação no *campo* futebolístico, remetendo que foram suficientemente exploradas em outros trabalhos (Rial 2004; Damo 2005; Salles 2000). Apenas reitero que todos demonstraram estar conscientes de que esta ascensão econômica em suas vidas só foi possível graças ao futebol —atribuem a uma prerrogativa divina o fato de terem ascendido, como se tivessem sido escolhidos: “Tudo o que sou, devo a Deus”, “Deus quis assim”, “Graças ao Senhor” são frases que pontuam suas falas num reconhecimento da prática futebolística enquanto ‘dom’ que muitos tem mas poucos conseguem desenvolver ao nível a que desenvolveram. Deus (não a religião, como alguns sublinharam) é um valor central em suas vidas, sendo a maioria deles evangélicos (há alguns católicos). A Bíblia é lida e os acompanha em viagens, alguns costumavam reunir-se para a sua leitura. A crença em Deus tem papel fundamental na consolidação de uma ética pessoal rigorosa (“Deus ajuda a separar o que é ruim do que é bom”; “antes eu bebia, fazia coisas erradas”. RO) assim como lhes fornece um apoio em um campo profissional extremamente competitivo (“Deus é um amigo que está contigo sempre”. E.)

Quando a escolha não é divina, deve-se a fatores imponderáveis, como reconhece RO que por ser o mais novo pode jogar: “Meu irmão tinha tudo para ser um jogador profissional, eu levava suas chuteiras para o campo quando ele ia treinar. Mas aí, quando morreu meu pai, ele teve que parar (de jogar) para ajudar a família”. Porque ele e não o irmão, o vizinho? O *dom* (Damo 2005) e o posterior *trabalho*, como muitos evocaram, são as explicações êmicas para terem se tornado o que são, futebolistas de alto nível.

O ingresso e o trânsito no interior do *campo* futebolístico é sempre

mediado por outros agentes sociais, através de relações pessoais ou profissionais. Há um *capital futebolístico* —partindo dos conceitos de capital cultural, capital social e capital simbólico de Bourdieu (1987, 1989, 2000), estou chamando de capital futebolístico a soma de conhecimentos particulares ao campo futebolísticos, sejam eles conhecimentos corporais (saber como empregar o corpo nas performances futebolísticas), sociais (conhecer pessoas importantes para a ascensão no campo) ou econômicos (saber administrar contratos e inversões monetárias)— adquirido que quando transmitido pode ser de valor muito alto para os novos jogadores.

Este *capital futebolístico* se refere a aspectos técnicos da profissão que auxiliam no aprendizado necessário para as performances futebolísticas e referem-se também a tudo o que cerca a profissão no futebol de espetáculo e não se encontra codificado por escrito fazendo parte de uma cultura oral, de um *ensino* (a relação com os superiores hierárquicos no clube, com os companheiros de equipe, com os empresários, com jornalistas, patrocinadores, dirigentes, a administração dos ganhos, o trânsito entre clubes, cidades e países, etc). “O futebol ensina”, me disseram, numa alusão a autonomia o campo e o modo de transmissão de conhecimentos entre os agentes nele inseridos. (O caso paradigmático é o do jogador Ronaldinho Gaúcho, que chegou ao mais alto lugar da hierarquia futebolística —foi eleito o melhor jogador do ano pela FIFA em 2004— muito por ter contato desde a uma idade precoce com a orientação de toda uma família de futebolistas amadores e profissionais e especialmente com a firme guia de um irmão futebolista, Assis). Esta transmissão do *capital futebolístico*, assim como o sustento dos pais na infância, é vista pelos jogadores como um *dom* (Mauss 1974) que deverá ser retribuída ao longo da vida e que o é, através da compra da casa e das remessas, como veremos abaixo.

O que considero relevante de assinalar sobre estes emigrantes especiais é o fato de que todos estavam plenamente inseridos no sistema futebolístico no momento da emigração, muitos deles desde a infância, ainda que nem todos fossem conhecidos do grande público no Brasil.

Em vários relatos a transferência para a Espanha ocorreu quando estavam integrando a seleção brasileira, não necessariamente a seleção principal, que ainda aparece como o maior passaporte para o exterior. Ela é a grande *vitrine*, no dizer dos jogadores, para a qual o mundo todo tem olhos. Não apenas porque os seus jogos são os únicos transmitidos pelas TVs (ao contrário dos clubes ingleses, franceses e espanhóis, os clubes brasileiros não tem os seus jogos no campeonato brasileiro, nos campeonatos estaduais e nas competições sul-americanas, transmitidos em outros países —exceto pela TV Globo por assinatura, que tem como público os emigrantes brasileiros e a população de Portugal), mas também porque a seleção é reco-

nhecida dentro do sistema futebolístico como o lugar onde estão os melhores jogadores do país. A importância desta *vitrine* é tal, que rumores de corrupção já circularam atribuindo a convocação de jogadores não tão merecedores a acordos lucrativos entre o técnico (responsável pela convocação) e empresários interessados na valorização do jogador junto ao mercado internacional. Atualmente, os jogadores transferem-se para o exterior cada vez mais jovens. Se antes eram comprados jogadores consagrados na seleção nacional, hoje outros espaços também servem para notabilizar os jogadores. O campeonato brasileiro de futebol, ainda que não mereça o mesmo destaque na mídia mundial que os campeonatos europeus, tem sido acompanhado por especialistas e profissionais do campo futebolístico (através de agentes enviados ao país ou de fitas de vídeo e DVD gravadas *ad hoc*) que assim garimpam nas equipes seus principais jogadores antes de chegar às seleções nacionais, como confessou o técnico de um clube ucraniano: “Seguimos de perto o campeonato brasileiro, queríamos atingir o nível de equipes como Barcelona, Real, Milan e precisamos de jogadores técnicos como os brasileiros. Nos concentramos nos mais jovens, em ação pelos dois melhores times. Eles trarão um avanço fundamental ao nível técnico do Shaktar” (Ferrari 2005: D8).

Antigamente, a vitrine eram as excursões promovidas pelos principais clubes brasileiros no exterior e que serviam para que nossos jogadores fossem colocados no mercado europeu (Fontanelle 2005: 2). Hoje, estas excursões ainda têm este papel elas têm sido realizada com jovens jogadores. A *vitrine* hoje pode ser e em muitos casos o é um simples vídeo ou um DVD com a edição das melhores jogadas do atleta em questão como me contaram vários dos meus interlocutores. Mas no caso deste grupo, a seleção, seja ela a principal (Rial 2001b) ou a juvenil, foi decisiva para suas visibilidades e conseqüentes contratações ao exterior.

IR PARA O EXTERIOR

Para uma boa parte dos emigrantes brasileiros, a aventura da emigração coincide com a sua primeira longa viagem para o exterior. Não conhecem o país de destino e também não conhecem o sistema de transporte (os aeroportos, metros, ônibus) que ainda que se repitam globalmente, provocam nos que os desconhecem sensações de muito embaraço (Rial 1992) pois tratam-se de saberes tão difundidos que ninguém pensa em explica-los.

Quando iniciei a pesquisa, imaginava que encontraria histórias assim, de embaraços diante de uma mala que não se sabe exatamente onde recuperar, de queixas em relação aos longos vôos ou ao clima do país na chegada, histórias de emigrantes, enfim, pois muitos deles deixaram o país ainda

jovens e imaginava que inexperientes em relação à Europa. Não foi o caso, no entanto, pois estes jogadores ingressaram muito cedo no *campo* futebolístico vários deles tendo tido experiências de viagens ainda na infância.

Com 11 anos, ainda não estava no São Paulo, eu viajei para o São Paulo com os “pequeninhas do Joca”. Fomos em mais de 8 países. Itália, França, todos, um monte. Foi uma experiência muito boa. Eu não sabia de nada, não tinha praticamente noção de nada, com 11 anos se é uma criança. Então fomos aí, viajamos, eram grupos de jovens, de crianças. Fomos para vários países, ficamos dois meses viajando pela Europa e conquistamos muita coisa aí. JB.

E conquistaram certamente a experiência de estarem em um país distante que lhes foi muito importante para a adaptação posterior na Espanha. De fato, de todos os meus interlocutores, poucos não conheciam a Europa antes de se transferir para cá; ainda assim, já conheciam diversos países estrangeiros:

Eu fui para o Santos com 19 anos, mas nunca fiz uma viagem assim longa, de 12 horas, porque a gente jogava nos países da Sul-Americana. Então eram uma, duas, três horas no máximo. O Denílson não, já fez uma viagem longa. Foi de São Paulo até o Qatar. A.

O mais comum é que tenham estado inclusive no país onde vão morar.

Eu já tinha viajado com a Portuguesa mesmo, com os *juniores* (categoria intermediária entre o infantil e o juvenil), eu não era profissional ainda. E a primeira viagem foi para Valencia mesmo, porque teve um torneio ali em numa cidade ao lado de Valencia, e nos jogamos lá e eu tive a oportunidade de ser o melhor jogador do torneio, da competição. E depois de alguns anos, depois de 2 anos, eu fui para o Valencia... Nunca tinha viajado de avião. Puxa, a ansiedade, o nervosismo; estava ansioso para saber como é que é e ao mesmo tempo com medo. Quando se está a primeira vez em uma avião, você não sabe como é que é, você imagina uma porção de coisa que não tem nada a ver. Mas foi uma experiência boa para mim, eu acabei gostando. RO

Para a Europa eu vim em 97, acabei disputando um campeonato na Arábia e passei 3 dias na Itália, na volta. (Paramos na Itália para) A gente conhecer. Então foi a primeira vez que eu vim para a Europa. Pela vista, pela cidade de Roma, eu adorei ter visitado e um dia, sempre pensei, estar jogando aqui na Europa... Visitei o Coliseu, o Vaticano também, cheguei a ir na Igreja; a fonte, uma fonte famosa lá que o pessoal taca moedinha para fazer desejo, que não me lembro o nome a agora. E acho que o Coliseu e o Vaticano foram os dois principais pontos que ali eu adorei, que eu gostei. Renato.

É esta primeira longa viagem que aparece em seus relatos como um momento especial, de ruptura, de contato com outras culturas (muitos citaram os países árabes que visitaram mostrando estranhamento) e não realmente a partida como emigrantes.

A experiência de emigração próxima a tradicional é a de seus familiares, esposas, mães, irmãos, enfim, todos os que fazem parte de suas *entourages* e que por causa da transferência são obrigados a longa viagem, alguns entrando pela primeira vez em um avião, como foi o caso da esposa de Pacoti, ex-jogador com passagem pelo Sporting de Lisboa na década de 50 que me proporcionou o depoimento mais poético. “Minha mulher é cearense. Ela não era costumada viajar. Vendo lá de cima, aquelas nuvens, e a lua saindo, ela me disse: ‘meu fio, a lua sai de baixo pra cima?’” (risos).

Muitos foram o que apressaram seus casamentos para que a namorada pudesse também emigrar, como foi o caso de Fabiana Schimitz, esposa de Edu:

A gente tinha planos de casar mas o casamento seria um ano depois dele ter sido convocado (para a seleção Olímpica). Tivemos que acelerar tudo porque ele dizia assim “eu não quero ir e te deixar aqui”. Aí eu falei assim, “como já somos noivos, a gente tem que conversar com os meus pais para ver se eles me deixam ir embora”. Eles acabaram aceitando, porque a gente não queria ficar separados, ele ia vir e quando ia voltar para lá? Porque ainda tinha que resolver as coisas aqui. Antes ele estava nas Olimpíadas, em um mês eu tive que organizar o casamento, foi uma loucura, uma loucura. Organizei tudo sozinha, até o civil quem teve que assinar foi o pai dele, o meu sogro foi quem teve que assinar, porque não dava tempo para Edu assinar. Ele ia chegar acho que ia chegar das Olimpíadas. Foi uma loucura, uma loucura.

Casar por procuração, casar *com o sogro*, afastar-se subitamente da família, sem um projeto anterior, passar a viver em um país onde tudo é diferente são experiências às vezes traumáticas. O primeiro ano me foi seguidamente apontado como sendo o mais difícil, especialmente para os familiares que não contam com relações de trabalho e se restringem ao espaço doméstico. O diálogo com Fabiana mostra isto:

- Como foi a chegada aqui?
- Foi difícil, eu passei...
- Foi a primeira viagem de avião?
- Foi a primeira vez que eu sai das asas da minha mãe! Vamos dizer assim. Porque mesmo no Brasil eu não era de sair, de conhecer lugares. Ficava sempre na minha cidade. Conhecia Jaú porque ele (Edu) é de lá, mas não era de sair, assim bruscamente. Eu passei... foi fatal, só chorava, só chorava quando eu cheguei aqui. A começar pelo idioma, você sai na rua ninguém te entendia, você não entendia ninguém. Eu fiquei um ano sem sair de casa. Eu só não entrei em depressão mesmo porque... horrível, horrível, vou te dizer, foi uma experiência....

Hoje Fabiana é mais independente e mesmo conduz um automóvel seu em Sevilla. Débora Oliveira, 17 anos, esposa de Ricardo, também fez para a Espanha sua primeira viagem. Assim também foi o caso da prima que

estava em sua casa para lhe auxiliar nos trabalhos domésticos, como empregada. Débora, ao contrário de Fabiana, quase não se afasta do espaço doméstico.

- O bairro é calmo, você passeia, sai?
- Não, fico mais em casa, saio muito com ele (com o marido). Sozinha é difícil, é difícil.
- E as compras você faz junto com ele? Até o supermercado?
- Junto com ele, sempre junto com ele. Só quando tem alguém assim que possa me levar, quando eu estou precisando assim, mas é mais com ele.

Ainda que as dificuldades sejam apontadas com mais eloqüência na voz das mulheres, também os jogadores unanimemente reconheceram como sendo difícil a vida no exterior nos primeiros tempos. Alguns deles viajaram e permaneceram sozinhos por algum tempo antes que seus familiares pudessem vir. Este é um momento especialmente difícil:

- Este (os dois meses em que estive sozinho em Valência) foi o mais difícil, o mais complicado... Eu não falava nada, para entender, a gente entende. O mais complicado, você falar. E eu, sempre que eu ia dar entrevista eu só dava entrevista em português. Iam me perguntar e eu só falava em português. E isto foi o mais dificultoso para mim aqui... Eu não *domava* bem, não conhecia, e tinha dificuldade em me comunicar com as pessoas. Isto foi o que mais me prejudicou nestes dois meses que fiquei sozinho.
- Especialmente nas entrevistas ou também na hora das instruções...
- Na hora das instruções, o treinador quer passar alguma coisa, na hora das entrevistas, os companheiros, eles estão falando alguma coisa e você não se entera, não sabe o que eles estão falando. Fica ali, meio se perguntando, o 'que é que eu estou fazendo aqui?'. Mas aí eu me disse: 'preciso aprender o básico, preciso me comunicar', e fui arriscando, através de televisão, através de jornal, lendo bastante, perguntado para os companheiros, o que é que é isto, o que significa isto. E comecei a falar, a me comunicar, e hoje posso dizer que *domo* perfeitamente o espanhol e posso falar. RO.

Em geral, a língua aparece como a maior dificuldade, o que os faz sentir "fora do barco". Há uma especial sensibilidade em relação aos possíveis comentários dos companheiros de equipe, que apareceu em outras falas além da de RO, o que é compreensível dado que no *campo* futebolístico, estar bem inserido no *grupo* é fator determinante para obter uma boa posição numa carreira extremamente competitiva e onde o trabalho é coletivo.

Uma estratégia para vencer a estranheza dos primeiros tempos é a vida de parentes e amigos. Quase todos os jogadores contaram com este apoio, especialmente importante para suas esposas:

- E ela não veio sozinha, ela veio com a Vó dela que ficou com a gente muito tempo, lá em Valencia...Agora tem aqui a minha esposa, meu filho, o meu sobri-

nho, a prima dela que veio para trabalhar em casa e, depois do Natal, volta a minha mãe e a minha tia com a gente. Então a família vai estar toda, todo mundo. A minha esposa nunca ficou sozinha, sozinha, desde que chegou. Não, até porque eu sei que é difícil, é muito difícil. RO.

A idéia de *família* é de uma família extensa, que inclui avós, tias, primos, sobrinhos; raramente o é da família nuclear. E isto se reflete num contínuo vai-e-vem dos parentes entre o Brasil e a Espanha, financiados pelos jogadores.

Estar na Europa e viajar no mundo todos os meses não significam necessariamente que estes jogadores conheçam os países que visitam. A rotina destas viagens é prevista pelo clube ou pela seleção e altamente controlada, de modo que não resta grande margem de tempo para que possam se deslocar livremente no espaço, e assim conhecer a cidade onde estão. Quando perguntei a D. se conheciam muitos países, a resposta irônica foi “sim, os hotéis sim”, ao que A. acrescentou:

- A.: Os hotéis sim, a gente conhece bem. A gente vai viajar, chega à tarde numa cidade, vai para o hotel, fica o dia inteiro no hotel e vai para o jogo, ou volta para o hotel para dormir.
- D.: Ou vai embora no dia seguinte ou vai embora depois do jogo mesmo.
- A.: A gente conhece bastantes países... os hotéis de bastante países! Os hotéis a gente conhece bem.

Ouvindo-os falar desta rotina de aeroporto, hotel, estádio, aeroporto, não há como não pensar nos *não-lugares* de que fala Marc Augè (1992), espaços uniformes, homogêneos, não-identitários que povoam a contemporaneidade sem dar aos sujeitos que por eles transitam a sensação de deslocarem-se de fato para lugares estrangeiros. Com efeito, mais do que emoção ou entusiasmo, sentimentos muito presentes nos relatos de viagens ao exterior de emigrantes (Grossi e Rial 1999; Oliveira 1995) brasileiros ou de indivíduos de camadas médias (Velho 1994), eles transmitem é uma certa resignação como se viajar, pelas circunstâncias de compromisso envolvido, evocasse o desconforto, o “cansaço”, o sofrimento. A melhor maneira de lidar com as viagens parece ser uma atitude *blasé*, de indiferença, de “se costumar”, ou seja, de não mais estranhar —com tudo o que acompanha este estranhar, atitude própria de quem perscruta o mundo conhecendo-o, buscando compreendê-lo, atitude quase estética de fruição do real. Como me disse D, “Acostuma, (a gente) nem se preocupa porque acostuma”.

Quando o tema é viagens o mais provável é que a memória presentificada seja de um problema:

- A.: As vezes a gente passa apuro, né.
- D.: Cansa quando é viagem longa, quando é viagem longa, quando tem que estar muitas horas no avião. Isto cansa, este fuso horário, este *cambio* de horas

que você tem do Brasil, de repente da própria Espanha para outro lugar, isto é o mais complicado para um jogador. Você de repente chegar e de repente ter que ir para o Japão, no Japão está de noite e aqui está de dia e você pensa, pô, não estou com sono. E então você demora três, quatro dias. Tem jogador que demora ainda mais tempo para se acostumar com o fuso horário. Quando se acostuma já tem que voltar. Então, neste sentido, é o mais complicado. Mas sobre a viagem mesmo nem se preocupa, já se está acostumado.

— A.: de vez em quando passa um apuro no avião, do avião balançar, isto e aquilo. Turbulência, estas coisas, mas é normal.

Aquilo que seria “apuro” como a turbulência, passa a ser “normal”, e dimensões como a diferença do fuso horário saindo do excepcional para tornarem-se cotidianas.

Alguns outros jogadores, no entanto, apontaram as viagens de modo mais positivo quando foram indagados, ainda que RO acrescentasse na resposta o que considera como conquista maiores do que a possibilidade de viajar:

A Europa, viajei a Europa. É maravilhoso. Como eu falei, eu não posso me queixar da vida, não posso me queixar de nada pois eu tive uma infância muito pobre, eu passei necessidade, cheguei a ter muita dificuldade, mas eu conheci toda a Europa, tive a oportunidade de tirar minha mãe de onde nós morávamos, de um lugar difícil, alguns familiares também, então quer dizer eu hoje, conheço praticamente a Europa inteira, então eu hoje tenho que agradecer a Deus mesmo, e procurar fazer bem meu trabalho.RO.

Depoimento exemplar onde os valores centrais destes interlocutores aparecem claramente identificados: *ajudar a mãe* (e a família), *trabalhar*, *crer em Deus*.

O BRASIL MUY CERCA

“Sei tudo o que acontece no Brasil”, me disse Ricardo Oliveira, “temos um canal de televisão que vem de Portugal e que passa todos os programas, da SBT, da Globo”. Os contatos com a família são intensos: “eu telefone e falo com a minha família todos os dias”, disse Edu; “Por Internet, diariamente” disse RO. “Internet, direto, desde que acordo. Tenho Skype, MSN, passo o dia todo, direto”, Roberto. “Para falar com a família tem que ouvir a voz, tem que ser pelo telefone”. Fernando.

A internet, e mais ainda a TV, o vídeo e as fitas cassetes com músicas os levam diariamente ao Brasil —seria mais apropriado dizer, os mantém lá—, dando sentido a sua experiência na vida, se construindo como comunidade imaginária (Anderson) ainda que no estrangeiro. Notei que os mais jovens tinham maior facilidade para usar todas as ferramentas da Internet,

incluindo a telefonia, o que para os de mais de 24 anos já não era tão usada, sendo o telefone o recurso preferido.

Na circulação entre os três espaços mais freqüentados nos seus cotidianos —a casa, o automóvel, o estádio— o contato com o Brasil ocorre. Todas as vezes que entrei em um automóvel de jogador, os CDs que foram tocados eram de músicas brasileiras e em duas delas, no carro de RO e de E, eram de músicas evangélicas.

O Brasil é revisitado através das imagens da televisão e também o é pela relação com outros brasileiros, jogadores de futebol ou não. São seguidos os encontros com brasileiros e o restaurante mais freqüentado pelos jogadores pertence a um brasileiro. O Brasil é revisitado principalmente pela comida. Esta foi unanimemente uma das presenças brasileiras na Espanha mais fortes, uma das necessidades e uma das maiores saudades quando ausentes.

Minha esposa traz sempre uns saquinhos de suco de laranja, de Tang, que não tem aqui e ela gosta. Também arroz, feijão. Traz arroz. E.

Alguns não trazem apenas os ingredientes, trazem também quem saiba prepara-los, seja este alguém um parente ou uma empregada contratada:

Tenho (empregada) do Brasil, porque a comida é brasileira, sim. Seis dias por semana eu gosto de comer comida brasileira. Os outros dois dias a gente sai para comer por aí. No almoço, é muito difícil querer sair para comer. D.

Minha tia era cozinheira, trabalhava nesta (numa mesma) casa toda a vida fazendo comidas. E que cozinheira! Vou poder comer bem. Ainda que relativize lembrando que na Espanha também se come bem: Aqui tem arroz, feijão, picanha. Se alguém disse que não tem está mentido, tem tudo que tem lá, agora tem aqui. Tem picanha, sim. RO.

O fluxo de visitas do e ao Brasil é intenso, envolvendo a rede familiar e amigos. Quando não se pode estar no Brasil, se traz o país para se estar com a gente. E no país, o que mais conta: a família e os amigos. Embora não apareça sempre nas conversas com os jogadores (Denílson não me falou de Marrom, fique sabendo da sua trajetória através dele próprio e de Luis Oliveira, sobrinho/irmão de RO, seu amigo) é muito comum a presença de um amigo do jogador no exterior. (E isto não e de agora, lembro da polemica envolvendo o convite de Falcão a um jornalista, para que viajassem juntos para a Itália nos anos 80 e os rumores de que se tratava de uma relação homoerótica. Na casa de Ronaldo, em Madrid, sempre houve um quarto destinado a César, um amigo de infância, mesmo no tempo em que era casado com a primeira esposa e foi só quando do seu segundo casamento (Daniela Cicarelli) que quarto foi desfeito, assim mesmo só depois que deu ao amigo uma casa em Salvador para morar com a esposa).

Denílson trouxe para morar consigo além dos pais um amigo de infância, o Marrom, que hoje trabalha como *disk-jockey* e que faz as vezes de secretário de outros jogadores brasileiros em Sevilla em tarefas como efetuar pagamentos, buscar cheques no escritório do presidente do clube e acompanhá-los em deslocamentos pessoais. Segundo este conta, conhecia D. desde a infância, brincavam juntos na rua, e quando apareceu a proposta da viagem, de um dia pra o outro, não pensou duas vezes. Foi em casa pegar algumas roupas e partiu.

Quando não é o amigo, pode ser o tio (caso de Júlio Batista) ou um empresário que fica morando junto para ajudar a resolver os problemas da instalação nos primeiros meses e, numa mistura de relações profissionais e pessoais, os problemas da adaptação nos primeiros tempos. “Bom, no começo ficou meu empresário, ficou um mês para resolver negócio de casa, carro, estas coisas”. A.

Raros são os jogadores que moram sozinhos, como foi o caso de A. depois do primeiro mês: “Logo eu fiquei sozinho, fiquei sozinho.” Quando acontece a situação é vivida como dramática e requer uma explicação, como se fosse necessário uma justificativa para a situação anômala:

O D. (veio morar no exterior acompanhado da família) porque é o do meio. Ele tem o irmão mais velho e a irmã mais nova. Eu não, eu já fui o maior. Então eu não podia trazer os meus pais porque, porque eles tinham que cuidar das minhas irmãs e do meu irmão. E quando eu fui para a Roma eu tinha 21 anos. Ela tinha 18, 17 anos e o Fabiano 14. Então tinham que ficar para cuidar deles. A.

Quando não trazem um amigo, o próprio clube incentiva a aproximação com outros brasileiros, tratando de contratar em grupo. Está, aliás, tem sido uma característica da migração bem sucedida dos jogadores brasileiros no exterior: as redes de companheiros no clube, que dividem a responsabilidade, compartilham uma mesma linguagem, em campo e fora de campo.

(Foi) mais complicado para o D. porque quando eu cheguei na Roma tinha quatro brasileiros, então para mim não foi tão complicado porque tinha o Cafu, o Antonio Carlos, o Aldair e o Fabiano e me ajudaram muito, ajudaram. Não só no idioma mas as vezes sair para jantar. Se eu tinha algum problema, se tinha que resolver algum problema eles sempre me ajudavam. Então não foi tão difícil quanto foi para ele que veio para a Espanha sem nenhum companheiro no clube, sem ninguém falar português. A.

O período de férias é evidencia desta busca de estar em contato com o Brasil, de viver em dois lugares, pois é impensável outro país para passar as férias que não seja o Brasil e em todos os casos a cidade natal e a casa dos familiares. Os jogadores brasileiros na Espanha não podem ir muito seguidamente ao Brasil uma vez que os compromissos da Liga e dos Cam-

peonatos Europeus tomam quase todo o ano. E quando vão servir a seleção brasileira (caso de quase todos os que entrevistei em Sevilla) não tem tempo para visitarem os amigos e parentes pois a programação de sua estadia é prevista hora a hora pela Confederação Brasileira de Futebol, conforme se pode ver no site da entidade (www.cbfnews.com.br). Os clubes, alias, são bastante rigorosos quanto a estas viagens e já há jogadores que incluem nos seus contratos cláusulas especiais que permitam o deslocamento quando de emergências (como foi o caso de Renato, que inclui a possibilidade de se deslocar quando do nascimento do primeiro filho, não repetindo assim a experiência por que passou RO que, por ter acompanhado a mulher ao hospital aqui na Espanha mesmo faltando ao compromisso de concentrar-se no hotel, foi afastado da equipe pelo técnico que não considerou relevante o motivo da ausência...). Antigamente, o carnaval era um motivo de tensão entre clube e jogador, e alguns como Edmundo, incluíam a possibilidade de se deslocarem ao Rio no carnaval como cláusula contratual. Porém, como me explicaram A. e D., “isto não existe mais, não existem mais *bad-boys* no futebol”, dada a competitividade do campo futebolístico na Espanha atual.

Nas férias (Natal e no meio do ano, maio e junho, depois de terminado o campeonato espanhol), o Brasil é o destino para todos que nem cogitam outros lugares no mundo. A maioria das vezes as férias são momentos de reunião com as famílias de origem. “No último ano, ficamos metade do tempo com a minha família, em Jaú e a outra metade em São Carlos para não haver ciúmes”. E. “Quando eu estou no Brasil, eu procuro estar com eles (amigos e familiares), viajar eu não viajo nunca”. A.

“Férias? Em casa, sempre” Iriney, cuja “casa” fica em Humaitá, cidade de 32 mil habitantes no interior da Amazônia.

As férias coincidem com o período de abertura do mercado futebolístico na Europa, de modo que para muitos é também o momento em que ocorrem as transferências e negociações de contratos. Seria profissionalmente importante a permanência nos países europeus mas isto não é sequer mencionado pelos jogadores. Como no caso de outras emigrações, esta volta sazonal ao país de origem é cercada de grande expectativa. Vive-se para estar lá. É o momento da festa, de estar com os amigos. Até a comemoração de aniversários são adiados para concentrar lá os momentos de efervescência —assisti ao vídeo da festa de comemoração de 2 anos de Camila, filha de Edu e Fabiana, realizada no sítio que possuem no interior de São Paulo, que aconteceu com meses de diferença do seu aniversário. “Também, fazer aqui, que graça teria, a gente não conhecia quase ninguém”. Fabiana.

Refúgio prazeroso, o Brasil é também o lugar seguro, onde se vai quando se está doente, precisando de tratamento médico:

Eu tive que ir para o Brasil. Porque eu tinha feito uma operação muito delicada no tornozelo, uma operação complicadíssima. E no Brasil, com o fisioterapeuta da seleção, com o fisioterapeuta do São Paulo, que trabalhou comigo no Santos, que eu tenho muita confiança, que é o Luis Alberto Rosan, tive que ir fazer tratamento lá para que voltasse a jogar. A.

Não só porque se conhece o médico se retorna ao Brasil, também porque lá o sistema de tratamento é tido como mais eficiente. O diálogo entre A. e D. é eloqüente de como os jogadores percebem o melhor tratamento médico no Brasil e por isto me permito de cita-lo mais longamente:

- A: Se eu não fizesse uma boa recuperação eu não iria mais voltar a jogar futebol. Porque a lesão foi complicada, quebrou o tornozelo em cinco pedaços. Foi complicado.
- Eu: E no Brasil é melhor este tratamento?
- A: E o que a gente fala, no Brasil tem alegria. Eles te trabalham para que você volte e volte bem, o mais rápido possível. Aqui, não, aqui já não tem isto. Aqui é um pouquinho devagar. No Brasil não, eles te pegam para que você volte o mais depressa possível, para que você volte a jogar.
- D: Não tem conversa.
- A: Se é uma lesão de cinco meses, em 4 você está jogando, em 3,5 você está jogando. Mas tem que pegar. Eu trabalhava todo o dia quatro horas pela manhã e quatro horas pela tarde.
- D: Quatro horas *pela* manhã e quatro *pela* tarde. Não *pola* manhã e *pola* tarde (risos) (Nota: Denílson corrige um erro na fala de A. que não aparece no texto pois corrigi os erros de fala na transcrição das entrevistas).
- A: No Brasil você tem que trabalhar. Então é complicado. Por mais que você não queira, eles (dizem): “vamos, vamos trabalhar porque você tem que voltar a jogar”. Então tem este incentivo.
- D: Um jogador quando ta lesionado, no meu caso e no caso dele também, você precisa de pessoas do teu lado que tenham....
- A: Que te dão apoio.
- D: Um lado psicológico, um apoio psicológico. Tem que trabalhar o lado psicológico do jogador que está lesionado. E aqui eu não vejo isto, de repente porque eu sou brasileiro eu não vejo que os espanhóis tenham este lado com a pessoa que está machucada, que está lesionada. No clube do São Paulo, que é o clube que eu joguei, onde ele também se recuperou, e no Brasil em geral, eles tem este lado psicológico, eles te dão um incentivo, eles não te deixam mal. Claro que você já ta mal, que passa muita coisa pela tua cabeça. Então eles procuram o lado positivo sempre, sempre o lado positivo. Para o jogador que neste momento está machucado. E aqui na Espanha, este é o problema que eles tem porque o trabalho e máquina para trabalhar eles tem. Falta a vontade, falta este lado psicológico por parte deles com o jogador que esta machucado. São profissionais mas me parece que falta alguma coisa.
- A: São profissionais na teoria, na prática eles deixam um pouquinho a desejar.

— D: É, falta alguma coisa. De repente a gente pode estar mal acostumado, de vir para o Brasil para trabalhar com pessoas que pegam no teu pé, que exigem que você esteja voltando não em cinco mas em três mês e meio ou em quatro. E aqui não tem este ritmo de trabalho.

Às vezes acontece das operações cirúrgicas elas mesmas serem realizadas no Brasil, como foi o caso de Kleber, jogador de um dos mais importantes clubes do mundo, o Manchester United, que veio ao Brasil para fazer uma operação no tornozelo. A operação foi bem sucedida e ele ficou se recuperando em Curitiba, sua terra natal.

Ao contrario de outros imigrantes solteiros, homens, que vão na frente, se aventuram, e depois há o reagrupamento familiar (Durham 1984), aqui, a estrutura já está montada desde o início. Não migram sozinhos, são acompanhados por familiares, por suas famílias de origem, ou tratam de estruturar uma nova família aqui, reconstruindo rapidamente uma cena familiar.

Família é uma palavra que designa diferentes organizações sociais, como a antropologia está cansada de mostrar ao longo de sua história. Para estes jogadores, família é a família extensa, significa a família nuclear mas também a de origem, suas e de suas esposas, de modo que não se conseguem imaginar separado de suas famílias (Fonseca 1991). “Eles são os meus verdadeiros torcedores. Porque se as coisas vão bem, estão contentes; e quando as coisas não vão bem, estão do meu lado também”. RO.

Eles permanecem vivendo com as famílias de origem até bem tarde na vida, não se desligando nem mesmo depois de casados. Quando solteiros, ainda que joguem em uma cidade, se a distância não é grande, preferem continuar morando com os pais.

“Eu jogava em Santos e morava em São Paulo. Então terminava um treino a tarde eu subia para São Paulo, não é uma distancia muito longa”. A.

A família é garantia de que se escapará de “ficar louco”. Esta tragédia fica bem expressa no diálogo de Denílson e Assunção a respeito de um infeliz companheiro de profissão:

- Eu tive o exemplo de um jogador, do mesmo meu representante, que é o GN que acaba de ir para a Alemanha, agora...
- D: Até na Inglaterra, que de repente é mais simples (é complicado)
- A: ele foi para um time que não tem nenhum brasileiro. Então, na primeira semana ele já ficou louco querendo voltar para o Brasil.
- D: querendo ir embora, porque não agüenta.
- A: Por quê? Porque ele não entendia nada, não entendia o alemão, as pessoas falavam com ele não tinha nenhum companheiro brasileiro no clube, então é complicado, é barra.
- D: Sozinho, sozinho.

Como para o solteiro de Lévi-Strauss, também para os jogadores a pior

de todas as condições parece ser a de se estar “sozinho”, e aí só restaria uma solução: a morte do projeto de vida no exterior, o regresso.

AJUDAR EM CASA

Para além das férias e da recuperação de lesões, momentos recorrentes de estada no Brasil mas não cotidianos, os jogadores vivem um dia-a-dia lá e cá. De fato, uma boa parte dos jogadores que entrevistei tem ao menos duas casas: a de suas famílias na Espanha e a que sustentam no Brasil, para os outros familiares morarem. Esta ajuda financeira em alguns casos é constante: eles sustentam familiares no Brasil, não apenas os pais mais velhos ou os irmãos que ainda moram com os pais mas auxiliam financeiramente também os parentes, especialmente as irmãs casadas: “Eu ajudo todo mês. Sempre quando eu posso mando dinheiro para a minha mãe. Praticamente minha mãe não trabalha. Ajudo os sobrinhos”. A. “Ajudo... a negada lá está toda tranqüila” I.

Esta *ajuda* é justificada por eles em termos da situação econômica do Brasil:

A gente (os brasileiros) é o que o D falou. Tem 10 por cento que vivem muito bem, 10 por cento que vivem mais ou menos e os outros trabalham, ganham pouco e às vezes não dá para sustentar a família. Então eu, graças a Deus tenho um salário bom, então eu ajudo sempre, todo o mês. A.

A *ajuda* é mais constante quando o pai morre pois então, como o diálogo entre A e D mostra, são os jogadores que assumem o papel de *pai de família* (Woortman).

A: Meu pai morreu no começo do ano. Mas praticamente a despesa da casa da minha mãe quem paga sou eu. Dou para eles, eu ajudo. Meus cunhados trabalham só que, como eu disse, o que eles ganham não dá. E eu, como vejo o esforço que eles tem para trabalhar, não são gente vagabunda que estão ai sem fazer nada, então eu ajudo todo o mês. Eu estou ai para ajudar.

D: Eu também, eu praticamente (sustento a casa). Mesmo caso que o A. eu também ajudo.

A *ajuda* atual é vista como uma forma de compensar o dom recebido na infância: “Meu pai e minha mãe sofreram muito para criar a gente. Hoje que eu tenho uma condição melhor eu procuro que não falte nada em casa”. D.

Vivendo sob a égide de um sistema de honra onde o pai é figura moral central (Woortman, Bourdieu) os jogadores têm que adaptar-se a esta incongruência causada por sua súbita ascensão econômica que, repentinamente, colocou o pai em uma situação de inferioridade. A equação social é resol-

vida mantendo diante do pai o mesmo respeito, como se nada houvesse mudado de modo que o poder econômico que o pai já não detém não abalasse seu poder simbólico. Em um caso extremo, mantém-se inclusive o poder econômico, criando-se toda uma *mise-en-scène* onde o rei nú não é desmascarado pelos filhos, mantendo a face como se ainda portasse a coroa.

No meu caso, quem administra tudo para mim é o meu pai. O costume da minha família sempre foi assim. Até hoje, até é engraçado, mas se eu quero fazer alguma coisa eu tenho que pedir dinheiro para o meu pai. Quando meu pai está em casa, eu tenho que pedir dinheiro. “Pó, meu pai, eu preciso de dinheiro”. É até engraçado mas é o costume. É o costume. Meu pai é o meu pai e o que ele falar ta falado. Até de repente meu pai pode até estar errado. Mas a gente diz “tá beleza”. A gente pode até fazer o contrário. Mas ele falou, está falado. Sempre fui assim. D. É o *costume*, como bem interpreta D., o *habitus* neste caso conscientemente formulado que dá ao pai o papel central, assumido por eles quando da ausência do pai, o que é muito comum neste grupo. JB, RB, RO, e outros.

Uma das primeiras ações destes jogadores é a de fazer com que os seus pais, mães e às vezes avós, tias, irmãos, parem de trabalhar e passem a ser sustentados por eles. Geralmente, um dos primeiros bens adquiridos graças a nova situação financeira é a compra da casa para os pais. Compram uma casa para que não paguem aluguel e passam a enviar-lhe dinheiro mensalmente. De modo que sustentam no mínimo duas casas e às vezes “ajudam” também aos irmãos e familiares da esposa.

A compra da casa para a *mãe* tem um sentido de retribuição de dádiva: “era o mínimo que podia fazer, depois de tudo que eles fizeram por mim”, mas longe de significar um ponto de chegada no círculo de dons (Mauss), ela significa a abertura de um novo ponto para o qual irão convergir as doações permanentes que se estabelecem. A casa não é apenas doada, ela é mantida. “Tem as contas de água, luz, o seguro saúde, tudo o que precisa, enfim”. RO. E ela é também o lugar para onde convergem os parentes em caso de necessidade, sendo uma espécie de instituição de ajuda familiar financiada pelo jogador, que abrange tanto os ascendentes quanto os parentes mais jovens, através de diferentes modalidades de auxílio. “Eu disse para minha tia parar de trabalhar (como empregada doméstica) e ir morar com a minha mãe, deixar que a gente cuide um pouco dela... Agora tem uma prima minha trabalhando lá pra mãe, ela ajuda na casa”. RO. A casa passa a funcionar como a sede de um clã, chefiado pelo jogador no exterior.

Dos jogadores com que conversei, apenas dois, JB e Renato, não pareciam sustentar as uma rede extensa de parentes. JB nunca conheceu o pai, viveu com os avós e a mãe e os tios. Ainda assim, os dois reformaram as casas da infância para que os parentes continuem morando lá ou as aluguem para terceiros e os ajudam de modo esporádico, através de presentes

(Renato comprou móveis e eletrodomésticos para a irmão quando casou). Não por acaso, os dois são os que situem entre os de estratos médios baixo.

Poder econômico (expresso através da *ajuda*) e poder simbólico (expresso pelo reconhecimento) somente unem-se na mesma figura, a do jogador, quando da ausência ou morte do pai. Aí, o filho tem boas chances de ascender ao papel de pai, se ele for o filho mais velho. Como explica com muita propriedade D:

O A., por ser o irmão mais velho ele tem esta responsabilidade. Mais agora, porque faltou o pai dele, mais agora ele é o homem da casa praticamente. Estando fora, mesmo assim ele tem que assumir esta responsabilidade. No meu caso é diferente. Nós temos praticamente a mesma idade mas falando com o A. ele é mais maduro do que eu em muitos sentidos. Muitos sentidos, quase em todos.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Os jogadores abordados nesta pesquisa fornecem um exemplo empírico extremo deste viver entre fronteiras que tem sido relacionado aos emigrantes em estudos recentes. Poderiam ser caracterizados como *transmigrantes* pois são “imigrantes que desenvolvem e mantém relações múltiplas —familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas— que cruzam fronteiras” (Basch *et al.* 1994: 7). Não obstante suas presenças físicas na Espanha, eles continuam vivendo também no Brasil, tanto no plano da imaginação quanto no econômico, pois lá mantém casas, sítios, carros, contas bancárias, investimentos múltiplos e sustentam familiares.

Percebidos sim como emigrantes que causam perdas no país de origem ao partirem —fala-se em êxodo de jogadores, poder-se-ia falar em diáspora até— no país de destino, no entanto, emigrante não é um termo que lhes seja associado. Estes jogadores nunca são referidos em reportagens sobre emigração na Espanha, sendo invisíveis nas matérias de jornais que tratam sobre emigrantes. Emigrante é uma categoria que inclui apenas os pobres. Estes jogadores em nada estão próximos ao perfil do *emigrante* para os espanhóis que se refere mais a africanos (tanto do norte da África, magrebins quanto subsaharianos, como os designa a imprensa) que chegam a Tarifa em perigosas embarcações ou tentam passar pelas três cercas de seis metros de altura de Melilla, ou são originados dos países de língua hispânica na América Latina ou do leste europeu. De fato, emigrante não é uma categoria êmica: nem dos próprios jogadores, que não se vêem enquanto emigrantes mas como profissionais atuando no exterior; nem da imprensa ou da população espanhola, que reservam a categoria de emigrantes para os trabalhadores braçais e geralmente a associa ao crime e a ilegalidade. Emigrantes é um termo, portanto, com conotações negativas —fala-se no

“problema da emigração”— e que designa populações de baixa renda, redes de tráfico, etc. Emigração brasileira na Espanha evoca na imaginação dos espanhóis o traslado de prostitutas, que de fato existe, e travestis (Silva 1993), raramente de seus ídolos futebolísticos.

Mesmo depois de nacionalizados (Rial 2004), eles continuam a se ver como brasileiros e a pensar o futuro como sendo o Brasil. A Espanha, ou qualquer outro lugar em que a sua mobilidade no sistema futebolístico lhe leve, é apenas uma passagem, algo que se faz como um trabalho, com *sacrifício*, para receber a recompensa de prestígio profissional e financeira. Continuam se pensando como vivendo no Brasil —e o ato falho de JB foi eloqüente da sensação de viverem em dois lugares: “Eu moro em SP”, me disse, referindo-se a um lugar que fica há 12 horas de sua atual residência, sem se dar conta do tempo do verbo, no presente.

Continuam sendo brasileiros também para os espanhóis. Na imprensa, a palavra *brasileño* acompanha os nomes dos jogadores atuando como um adjetivo que os qualifica positivamente. (Aliás, nisto tem em comum com as prostitutas e os travestis já que os anúncios de jornais de contatos, geralmente na consigne Relax não poupa alusões a nacionalidade brasileira dos profissionais anunciados...). Às vezes, estes jogadores são também designados como “cariocas” como se carioca fosse sinônimo de brasileiro e não de nascido no Rio de Janeiro —assim, Edu e RO, por exemplo, aparecem como “cariocas” em matérias do jornal Marca em 2004 e são chamados de “paulista” em 2005. (Esta necessidade de uma designação regional teria de ser explicada a luz da construção do sentimento nacional espanhol, que, ao contrário do brasileiro, passa pelas regiões, de modo que antes de ser “espanhol”, se é basco, catalão ou andaluz... Para se ter uma idéia da diferença, embora alguns jogadores portem no nome a região de onde vem —caso de Ronaldinho ‘Gaúcho’— pode acontecer de serem de uma região e terem no nome outra, caso do paulista Fernando ‘Baiano’. Os lugares de nascimentos dos jogadores raramente aparecem na imprensa no Brasil). Mas a marca étnica, *brasileño*, é uma constante na Espanha e, recentemente, tem causado discussões acaloradas em torno da particularidade destes jogadores (polemica em torno das comemorações de gols dos brasileiros do Real Madrid, que abordarei em outro texto a ser apresentado na RAM no GT de Esportes).

A construção do *habitus* de jogador de futebol, indispensável para que ocupem lugar de destaque no *campo* futebolístico, só miticamente ainda ocorre por acaso, chutando latinhas ou bolas de meias. De fato, eles iniciam seu aprendizado regular, sistemático, disciplinado —ou seja, em uma *escola*— muito cedo. Trata-se de um população que se inicia muito cedo em viagens, e vimos o caso extremo de Julio Batista que aos 11 anos já conhecia praticamente *toda* a Europa, embora não se possa designar como

cosmopolita pois viajar aqui tem o sentido de deslocar-se de um hotel a um estádio mais do que o de conhecer cidades e lugares.

Através do envio de dinheiro, aproxima-se do que seria uma identidade de transmigrantes, porém, não poriam ser qualificados como possuindo uma identidade transnacional, ao menos não nos termos de Kearney para quem as remessas são evidências de uma vivência transnacional nas quais as sociedades nacionais são transcendidas no seu poder de impor aos indivíduos identidades e nas quais o consumo aparece como tendo o mesmo poder na definição das identidades que antes era atribuído somente a esfera da produção (Kearney 1996).

O consumo não é vivenciado aqui como o objetivo central de seu projeto de vida, para além da compra da casa para os pais e do automóvel de luxo (sonho de todos), os outros consumos são entendido como inversões (compra da casa na Espanha, de propriedades no Brasil) para garantir o futuro (Rial 2004). Mais importante para que se realizem é a *ajuda* a família e aos amigos, através das remessas e dos presentes. Ainda que seus salários sejam altos mesmo para os padrões do futebol brasileiros (alguns dos que conversei devem receber mais de um milhão de euros por ano), morem em casas de classes altas, tenham carros de luxo, os outros consumos não parecem fugir ao padrão de uma classe média alta no Brasil. Não vi nada que pudesse aparecer como um consumo conspícuo.

Também não nos termos de Gustavo Lins Ribeiro, para quem o transnacionalismo, “aponta para a relação entre territórios e os diferentes arranjos socioculturais e políticos que orientam o modo com as pessoas representam pertencimento a unidades socioculturais, políticas e econômicas. É a consciência de pertencer a um corpo político global. É uma categoria classificatória através da qual se localiza geográfica e politicamente” (Ribeiro 2000). O sentimento nacional de modo algum foi transcendido no imaginário e na vivência destes jogadores, sendo central na sua construção identitária. Estar *lá* faz parte do seu cotidiano, como se o seu espaço na casa, no auto, no treino, lhes levasse constantemente para este território afetivo, étnico, nacional.

Eles estão no planeta, sendo parte importante do fluxo de imagens que o futebol espetáculo faz circular no *mediascape* (Appadurai 2001; Rial 2001, 2001b; Gastaldo 1999), inserindo-se fortemente na imaginação, predominantemente, dos homens, em todos os países onde chegam as imagens de televisão com os seus jogos, os jogos de vídeo-game com os seus personagens, as publicidades com suas fotos. O impacto de suas existências é global, porém, eles não deixaram imaginariamente suas casas no Brasil e para lá retornaram tão logo cessem de serem peças importantes no sistema futebolístico internacional.

O lugar especial que estes emigrantes ocupam —a ponto de não serem considerados nos trabalhos sobre emigração— decorre não tanto das divisas que tem aportado ao país com a venda de seus passes e posteriormente com as remessas, e mais pelo enorme o impacto que causam no imaginário nacional e global através de suas inserções prestigiosas no sistema futebolístico e da manutenção de suas identidades como sendo *brasileiros*. A importância destes emigrantes reside não tanto no fato deste contingente já se constituem um “produto” que aporta divisas significativas ao país, e mais pela influencia que o seu trabalho tem na constituição de um imaginário global sobre o Brasil e na construção de uma identidade brasileira no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, B. 1989. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática.
- APPADURAI, A. 1990. “Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy”, en M. Featherstone (org.), *Global Culture*: 295-310. Londres: Sage Publications.
- 2001. *Après le colonialisme*. Paris: Payot.
- AUGÉ, M. 1992. *Non-lieux*. Paris: Seuil.
- BASCH, L.; N. GLICK SCHILLER y C. SZANTON BLANC. 1994. *Nations Unbound. Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*. Langhorne: Gordon & Breach.
- BOURDIEU, P. 1987. *Choses dites*. Paris: ed. de Minuit.
- 1989. *O poder simbólico*. Paris: Difel.
- 2000. *Les structures sociales de l'economie*. Paris: Seuil.
- CLIFFORD, J. 1997. “Traveling Cultures”, en *Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century*: 17-46. Cambridge (Mass.): Harvard University Press.
- DAMO, A. 2005. *Do Dom à Profissão - uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de Doutorado, UFRGS.
- DURHAM, E. R. 1984. *A Caminho da Cidade*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- FERRARI, L. 2005. “Brasil faz Ucrânia sonhar com a Europa”. *Jornal Folha de São Paulo*. 20 de fevereiro de 2005, D8.
- FONSECA, C.1991. “Cavalo amarrado também pasta: honra e humor em um grupo popular brasileiro”. *RBCS* n15, ano 6.
- FONTENELLE, A. 1988. “Tutto Brasileiro”. *Jornal de Fortaleza* 31 de agosto.
- 2005. *Jogadores brasileiros no exterior*. Fortaleza, xérox. 9 pp.
- KEARNEY, M. 1995. “The Local and the Global: the Anthropology of Globalization and Transnationalism”. *Annual Review of Anthropology* 24: 547-565.
- 1996. *Reconceptualizing the Peasantry. Anthropology in Global Perspective*. Boulder: Westview Press.
- GASTALDO, É. L. 1999. *A Nação e o Anúncio - a representação do “Brasileiro na Publicidade da Copa do Mundo*. Unicamp: Doctoral thesis in Multimedia Studies
- LESSER, J. 1999. *Negotiating the national identity. Immigrations, minorities and the struggle for ethnicity in Brazil*. Durham: Duke University Press.
- MARGOLIS, M. 1994. *Little Brazil. An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton: Princeton University Press.
- MAUSS, M. 1974. “O ensaio sobre o dom”, en *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EDUSP.

- MILLMAN, J. 2005. "Brasileiros ilegais desafiam lógica econômica da migração aos Estados Unidos". *The Wall Street Journal Américas/Estado de São Paulo*. 24 de jan, B7.
- OLIVEIRA ASSIS, G. 1995. *Estar aqui, estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares*. Dissertação de Mestrado. UFSC.
- OSO-CASAS, L. 2004. *Espanñolas en París. Estrategias de aborro y consumo en las migraciones internacionales*. Barcelona: Edicions Bellaterra.
- PÉREZ MURILLO, M. D. 2000. *Oralidad e historias de vida de la emigración andaluza hacia América latina (Brasil y Argentina) en el siglo XX*. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- RIAL, C. 1992. *Le goût de l'image: ça se passe comme ça chez les fast-food. Étude anthropologique de la restauration rapide*. Tese de doutorado. Université de Paris V/Sorbonne.
- 2001. "Guerra de Imagens – o 11 de setembro na televisão global", em *Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis: PPGAS/UFSC.
- 2001b. "Futebol". *Intersecções* 14, n.º 2.
- 2004. *Os boleiros em Andaluzia: estudo da emigração de jogadores de futebol brasileiro à Espanha (relatório de pesquisa Capes/MECD)*. Fotocópia. 61 pp.
- y M. P. GROSSI. 1999. "Living in Paris: old and small places in a world city", em *Urban Symbolism and Rituals*: 31-53. Londres: Routledge.
- RIBEIRO, G. L. 1992. "Bichos-de-Obra: Fragmentação e Reconstrução de Identidades". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 18: 30-40.
- 2000. *Cultura e Política no Mundo Contemporâneo*. Brasília: Edunb.
- SALLES, J. 2000. *Futebol 1, 2 e 3*. Vídeo documentário.
- SASSEN, S. 1991. *The Global City. New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press.
- SHOAT, E. y R. STAM. 1996. "From Imperial family to the transnational Imaginary – media spectatorship", en R. Wilson y W. Dissanayake (orgs.), *Global/Local*: 145-170. Durham, Londres: Duke University Press.
- SILVA, R. S. 1993. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- TSUDA, T. 1999. "Transnational migration and the nationalization of ethnic identity among Japanese Brazilian return migrants". *Ethos* 27 (2): 145-179.
- VELHO, G. 1981. *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.
- 1994. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ZARUR, G. DE CERQUEIRA LEITE (org.). 2000. *Região e Nação na América Latina*. Brasília: UNB.